

BALANÇO DO LEITE EM 96

Sebastião Teixeira Gomes¹

O ano de 1996 ficará marcado como um bom ano, tanto para a produção quanto para o consumo de leite, que cresceram de modo significativo.

A produção de leite do Brasil, após ter crescido 12% em 95, voltou a crescer, de modo expressivo, em 96, com a taxa de 8%. Nos últimos dois anos a taxa média de crescimento foi 10%, muito superior ao crescimento histórico, de 3% ao ano. O país fecha o ano com a produção de 19 bilhões de litros de leite.

Para alcançar essa produção, o clima colaborou e os preços recebidos pelos produtores remuneraram, com folga, os custos de produção, da grande maioria dos produtores. O preço médio recebido pelo produtor de leite tipo C, da região Sudeste, foi R\$ 0,2754/litro, sendo o menor preço, R\$ 0,2339/litro, em janeiro e o maior, R\$ 0,3189/litro, em agosto. Além do valor absoluto elevado, a relação do preço do leite com o preço da carne bovina, foi ainda mais favorável, porque esse ano não foi bom para o pecuarista de corte, em termos do preço recebido. Em razão da predominância de gado mestiço, com dupla aptidão, foi possível priorizar a produção de leite.

Mais importante do que o aumento da produção, em si, foi a forma como ele aconteceu. Além do tradicional aumento do número de vacas ordenhadas, verificou-se um expressivo aumento da produtividade. Em recente declaração de um diretor da Itambé (quarta maior compradora de leite do Brasil) ele disse: “a melhor prova que o produtor está se profissionalizando é a redução da diferença, da produção de leite, entre os períodos das águas e da seca. Na Itambé, nesse ano, tal diferença foi de apenas 15%”.

Diante de evidência tão forte, como essa, como explicar a posição de alguns analistas que insistem em afirmar que a produção de leite do Brasil está estagnada? Provavelmente os que assim pensam estão se baseando em estatísticas mal interpretadas. Acontece que, em torno de 60% dos produtores, produzem até 50 litros/dia (média de 28 litros/dia) e respondem por apenas 20% da produção total. Existem evidências que, de fato, os sistemas de produção desses pequenos produtores estão estagnados. Em outras palavras,

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 03.12.96.

20% da produção de leite do Brasil é proveniente de produtores que não evoluíram seus métodos de produção.

A produção de leite do Brasil não tem uma distribuição que se ajusta a uma curva normal. Ela é totalmente assimétrica, com muitos produzindo pouco e poucos produzindo muito. Por isso, a média do universo não é uma boa medida para retratar o comportamento desse universo. As análises devem ser realizadas por estratos de produção, para interpretar, corretamente, o que de fato está acontecendo com a produção de leite do país.

Duas conclusões são absolutamente inquestionáveis na produção de leite do Brasil: 1) ainda que os índices de produtividade dos sistemas de produção, responsáveis pelo grosso da produção venham crescendo, estamos muito distantes tanto do potencial já indicado pela pesquisa quanto, dos índices de outros países mais evoluídos na produção de leite; 2) o crescimento da produtividade dos sistemas de produção, responsáveis pelo grosso da produção, é expressivo. Os resultados obtidos ganham maior importância, incluindo-se na análise as enormes adversidades a que o produtor de leite do Brasil sempre foram vítimas, especialmente aquelas provenientes das políticas públicas. Negar as evidências é desconhecer a realidade histórica e reduzir os esforços de pesquisadores, extensionistas e, principalmente, dos produtores.

O consumo de leite e derivados aumentou, significativamente, nos dois últimos anos, em razão do plano real, que elevou o poder de compra do consumidor. A demanda está de tal modo aquecida que, mesmo com o crescimento da produção interna e das importações, o preço recebido pelo produtor continuou elevado. O Brasil importou em 95, o equivalente a 3,2 bilhões de litros de leite, correspondentes a 18% da produção doméstica. Em 96, a importação está estimada em equivalentes a 2,24 bilhões de litros, correspondentes a 12% da produção doméstica. São volumes de importações sem precedentes, muito superiores à taxa histórica, que era de 8% da produção interna.

A soma da produção interna com a importação resulta numa disponibilidade total de 134 litros/habitante em 96. Ainda que tal disponibilidade seja insuficiente para atender aos padrões internacionais, não se pode deixar de registrar que, nos dois últimos anos, o consumo per capita cresceu 27% em relação à média do período 1985-94, com alguns derivados crescendo em mais de 100%.

Atualmente, as importações estão facilitadas pelo prazo de pagamento, que chega a 360 dias, e pela taxa de juros do financiamento do país de origem, 6 a 8% ao ano. Essas condições, totalmente alheias à economia brasileira, têm permitido importações em pleno período de safra. Deve-se registrar ainda que o preço do leite em pó no mercado internacional dobrou nos últimos anos e que, fora do Mercosul, existe um imposto de importação de 30% para o leite em pó. Mesmo com todas essas questões, as importações aconteceram em grande volume, mas não suficientes para deprimir os preços do mercado doméstico.

O ano de 1996 ficará marcado também pelas profundas transformações que ocorreram nas relações entre os laticínios (cooperativas ou particulares) e os produtores. O aumento das concorrências interna e externa e a necessidade de melhorar a qualidade da matéria-prima, com vistas a novos e mais sofisticados derivados, fizeram com que a maioria dos laticínios praticassem o pagamento diferenciado pelo volume e pela qualidade do leite. Atualmente, dentro de uma mesma indústria, cada produtor recebe um preço diferente pelo litro de leite vendido. Tal diferença chega a 50%. A prevalência dessa prática, e tudo indica que será mantida, provocará profundas modificações no segmento de produção.

Após a liberação do preço, em 91, o ano de 96 foi quando mais se aprofundaram as forças do mercado livre. O ano termina deixando cada vez mais distante aquela cultura de preço “justo”, que mais parece um conceito religioso.

A permanecer o comportamento do mercado de 96, a tendência é de aumentar a polarização dos produtores. De um lado, os que recebem maior preço (poucos produtores, mas que respondem pela maior parte da produção) aumentarão a velocidade de modernização dos sistemas de produção e, de outro lado, os que recebem menor preço (muitos produtores, mas que respondem pela menor parte da produção) terão dificuldades de permanecer na atividade. Nesse segundo grupo, os que utilizam apenas, ou em maior proporção, mão-de-obra familiar terão mais fôlego. Porém, os que contratarem mão-de-obra ficarão em situação muito difícil.

Mesmo com alguns pequenos problemas, o ano de 96 foi muito bom para o complexo agroindustrial do leite. Por isso, é que todos estão torcendo para que 1997 seja igual ao ano que agora finda.